

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Escala de Cultura de Honra: adaptação transcultural ao contexto brasileiro

Culture of Honor scale: cross-cultural adaptation to the Brazilian context

Escala de Cultura de Honra: adaptación transcultural al contexto brasileño

Francicléia Lopes Silva¹, Heitor Marinho da Silva Araújo², Anderson Mathias Dias

Santos³ & Ana Raquel Rosas Torres⁴

¹ Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* francicleia.psi@hotmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-1967-2830>

² Universidade Federal da Bahia. *E-mail:* heitormrnh@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-7245-9679>

³ Universidad Autónoma de Coahuila. *E-mail:* anderson.mathias@yahoo.com.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-8646-7864>

⁴ Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* arr.torres@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-3161-0309>



Informações do Artigo:

Francicléia Lopes Silva

francieleia.psi@hotmail.com

Recebido em: 14/03/2022

Aceito em: 06/10/2022

RESUMO

Existem estudos no contexto nacional que utilizaram a Escala de Cultura de Honra de autoria de Lopez-Zafra de 2007, entretanto, nenhum deles realizou a adaptação transcultural deste instrumento. Com isso, buscou corroborar com essa lacuna no âmbito da pesquisa nacional. Contou com uma amostra de 229 participantes da população geral, com média de idade de 24,8 anos (amplitude de 18 a 44 anos, $DP = 5,36$), sendo a maioria do sexo feminino (59,4%). Foram executadas análises fatoriais exploratórias e análise de consistência interna. Essas análises corroboraram com três fatores e apresentaram consistência interna adequada, variando de 0,62 a 0,70.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura; Honra; Adaptação; Escala.

ABSTRACT

Although there are studies in the national context that used the Culture of Honor Scale by Lopez-Zafra, from 2007, none have experienced a cross-cultural adaptation of this instrument. This article seeks to corroborate this gap within the scope of national research. It had a sample of 229 participants from the general population, with a mean age of 24.8 years (range 18 to 44 years, $SD = 5.36$), the majority being female (59.4%). Exploratory factorials and internal consistency analyzes were performed. These consultations corroborated with three factors, and presented adequate internal consistency, ranging from 0.62 to 0.70.

KEYWORDS:

Culture; Honor; Adaptation; Scale.

RESUMEN

Existen estudios en el contexto nacional que utilizaron la Escala de Cultura de Honor de Lopez-Zafra de 2007, sin embargo, ninguno realizó la adaptación transcultural de este instrumento. Este artículo buscó corroborar este vacío en el ámbito de la investigación nacional. Contó con 229 participantes de la población general, con una edad media de 24,8 años (rango 18 a 44 años, $DE = 5,36$), siendo la mayoría del sexo femenino (59,4%). Se realizaron análisis factoriales exploratorios y análisis de consistencia interna. Estos análisis se corroboraron con tres factores, y mostraron una adecuada consistencia interna, variando de 0,62 a 0,70.

PALABRAS CLAVE:

Cultura; Honor; Adaptación; Escala.

Romina Ashrafi, uma adolescente de 14 anos, fugiu de sua casa na província iraniana de Guilán com seu namorado de 35 anos depois que o pai dela se opôs ao casamento deles. No entanto, o casal foi encontrado pela polícia e Romina foi levada de volta à sua casa, apesar de ter dito que temia por sua vida... Ela foi morta na semana passada por seu próprio pai. O homem decapitou sua filha com uma foice e, depois de se render à polícia, disse que era um ‘crime de honra’, uma prática que persiste em vários setores da sociedade iraniana e é praticada por familiares que alegam que as vítimas danificaram o prestígio ou a honra da casa (BBC, 2020).

Notícias nas quais a honra é usada como justificativa para o endosso de violências não são incomuns. Em decorrência dos valores atribuídos à “honra”, as pessoas tendem a reagir

com vergonha ou raiva quando sentem a sua abalada (Rodriguez-Mosquera et al., 2002) e não é raro que recorram à violência como forma de regulação de suas relações sociais (Fiske & Rai, 2014). A honra é definida como o autorrespeito de uma pessoa, julgado por si e por outros (Rodriguez-Mosquera et al., 2002). Desde Aristóteles, ela é tida como uma característica positiva ligada aos valores humanos que dignificam uma pessoa (Mesquita, 2014). Esse conceito vem sendo historicamente incorporado nas sociedades e ainda é amplamente presente na grande maioria delas. Instituições religiosas, como a Igreja Católica, sempre instruíram seus fiéis acerca da manutenção da honra familiar (e.g., 5º mandamento: “honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra, que o Senhor, Teu Deus, te dá”).

No Brasil, por exemplo, até bem pouco tempo, a “legítima defesa da honra” era usada como atenuante de penalidades contra agressores, principalmente em contextos de violência contra mulheres (Silveira, 2021). Isso começou a mudar apenas em 2021, quando o Supremo Tribunal Federal passou a considerar inconstitucional o uso dessa tese (Supremo Tribunal Federal, 2021). Ainda assim, ela continua sendo utilizada para caracterizar crimes como calúnia, injúria e difamação (Decreto de Lei nº 2.848, 1940).

Embora exista um esforço para a mudança na valoração do conceito de honra, como as leis em direção a uma menor tolerância dos crimes de defesa da honra, a mudança cultural é mais lenta. As representações sociais latentes e os comportamentos privados ligados a elas (como a violência de gênero) tendem a se perpetuar (Pérez & Molpeceres, 2018). Mesmo que tais comportamentos sejam percebidos como subjetivos e individuais, a honra tem um forte componente coletivo e social, sendo considerado um aspecto da cultura humana, um tipo de coletivismo, baseado na reputação, que enfatiza a manutenção dos laços familiares e a interdependência (Fischer et al., 1999; Rodriguez-Mosquera et al., 2008; Vandello & Cohen, 2003). Nesse sentido, a dinâmica que prende a honra à cultura é a reprodução de

comportamentos, discursos e valores no coletivo.

A depender de sua construção histórica, diferentes sociedades irão atribuir um peso maior ou menor à imagem social ou à honra. Ser uma pessoa honrada frente à sociedade da qual participa tem o papel de transmitir uma boa imagem para as pessoas com quem compartilhamos o dia a dia e também o de mediar a forma como os indivíduos se percebem. Na mesma medida, indivíduos e grupos podem se desvalorizar quando têm atitudes passivas frente a situações lidas socialmente como desrespeitosas, o que favorece o sentimento ou a percepção de desonra (Rodríguez-Mosquera et al., 2008).

Vandello e Cohen (2003) verificaram que sociedades mais coletivistas tendem a buscar mais a manutenção do status da honra do que sociedades individualistas. Nesse contexto, a cultura latina, por ser coletivista, apresenta uma forte preocupação com a imagem da família (Triandis, 1995). Os impactos disso estão relacionados à manutenção de relacionamentos abusivos, já que essa característica faz com que mulheres vítimas dessas relações tenham dificuldade em cortar vínculos com seus agressores, pois isso seria equivalente a admitir uma falha na manutenção da harmonia (honra) familiar (Vandello & Cohen, 2008).

Além disso, a honra é um conceito fortemente demarcado pelos papéis de gênero. Ainda que homens e mulheres julguem a desonra de forma similar (Canto et al., 2012; Canto et al., 2017), existem expectativas sociais diferentes entre os gêneros, sobre como manter a honra. Segundo Vandello e Cohen (2003), a honra entre homens e mulheres pode ser verificada por meio da fidelidade, pois mulheres infiéis são vistas negativamente, assim como os homens traídos são percebidos como menos masculinos. López-Zafra (2007) argumenta que a honra feminina está ligada aos sentidos de pureza, castidade e santidade. Já nos homens, a honra se relaciona com proteção e agressividade em situações de ameaça às suas “propriedades”: esposa, trabalho e família. Por exemplo, em casos de traição da parceira,

espera-se dos homens uma reação mais assertiva ou mesmo violenta. Por outro lado, requer-se das mulheres uma maior compreensão e que mantenham o relacionamento em casos de traição do parceiro (Vandello & Cohen, 2003).

Apesar da importância da cultura da honra em sociedades como a brasileira, os estudos sobre o assunto ainda são limitados, bem como existe uma escassez de medidas que mensurem os diferentes aspectos desse construto. Isso pôde ser verificado a partir de uma busca no Google Acadêmico (17 de janeiro de 2022), usando os descritores “Cultura”, “Honra” e “Escala”. No período entre 2016 e 2022, foi encontrado apenas um instrumento, a Escala de Preocupação com a Honra – EPH (Gouveia et al., 2013; Rodriguez-Mosquera et al., 2002). Esse instrumento visa mensurar o quanto as pessoas se preocupam com a manutenção da sua honra. A escala é composta originalmente por 25 itens, porém, em sua adaptação ao Brasil, passou a ter 16 itens, divididos em quatro dimensões de honra: Social (e.g., se você traísse outras pessoas; você não ser leal a seus valores e princípios; $\alpha = .71$); Familiar (e.g., se sua família tivesse má reputação; você ser incapaz de defender a honra da sua família; $\alpha = .76$); Masculina (e.g., se você não se defendesse quando os outros o insultassem; você ser conhecido como alguém que não tem autoridade sobre sua própria família; $\alpha = .68$); e Feminina (e.g., se você tivesse relações sexuais antes do casamento; você usar roupas provocantes; $\alpha = .81$). Na adaptação brasileira, os participantes foram perguntados sobre o quanto se sentiriam mal em cada contexto descrito, numa escala do tipo *Likert*, variando entre 1 (nem um pouco mal) a 9 (muito mal). Apesar desse instrumento demonstrar bons índices de ajuste psicométrico, os itens sobre honra social não versam sobre aspectos amplos da cultura e instituições, limitando-se à ideia de uma honra individual.

A fim de ampliar essa busca, foram adotados os mesmos descritores em inglês (“Culture”, “Honor” e “Scale”) e foram identificados mais dois instrumentos - a Escala Crenças na Honra Masculina – ECHM (Saucier et al., 2016) e a Escala de Cultura da Honra

(Canto et al., 2017; Lopez-Zafra, 2007). A Escala Crenças na Honra Masculina – ECHM (Saucier et al., 2016) busca analisar a honra masculina, sendo utilizada exclusivamente com homens. Ela possui 35 itens divididos em 7 fatores: Coragem Masculina (e.g., é muito importante para um homem agir com bravura; é importante para um homem ser corajoso, $\alpha = .75$); Orgulho da Masculinidade (e.g., é importante para um homem ser mais masculino que outros; um homem deve saber se proteger, $\alpha = .66$), Socialização (e.g., quando menino foi ensinado a você que meninos sempre sabem se defender; quando criança você aprendeu que meninos defendem meninas, $\alpha = .68$); Virtude (e.g., agressão física é sempre admirável e aceitável; violência física é a forma mais honrável de se proteger, $\alpha = .76$); Proteção (e.g., é responsabilidade do homem proteger sua família; um homem deve proteger sua esposa, $\alpha = .75$); Provocação (e.g., se um homem é insultado, sua masculinidade também é; se o irmão de um homem é insultado, sua masculinidade também é, $\alpha = .85$); Família e Reconhecimento Social (e.g., é importante dedicar um tempo com os membros da sua família; é responsabilidade do homem respeitar sua família, $\alpha = .77$). Esse instrumento conta com uma escala de resposta tipo *Likert*, que varia de 1 (discordo fortemente) a 9 (concordo fortemente). No entanto, ele se limita apenas a aspectos da honra masculina e deveria ser respondido apenas por homens.

Por fim, a Escala de Cultura da Honra (Lopez-Zafra, 2007) busca mensurar a adesão à cultura da honra em uma sociedade, a partir de três dimensões: Honra Individual (e.g., é importante que as mulheres sejam honradas e fiéis; um homem de verdade deve defender sua parceira mesmo que tenha que lutar por isso; $\alpha = .67$); Sociedade e Leis em torno da honra (e.g., a sociedade atual incita homens e mulheres a defenderem sua honra; a importância social que se dá à honra é alta. $\alpha = .70$); e Legitimidade do uso da violência frente a uma ofensa (e.g., se alguém insultar a mim ou a minha família, terá que se ver comigo; frente a uma ofensa, é legítimo usar a força, $\alpha = .84$). Esse instrumento já vem sendo utilizado em

estudos transculturais que incluem amostras brasileiras (Canto et al., 2017). No entanto, há uma lacuna a respeito das suas propriedades psicométricas e adaptação transcultural.

Sabe-se que adaptações transculturais de instrumentos psicométricos é de suma importância para sua aplicabilidade de forma adequada e contextualizada à realidade do novo país, que, por vezes, não tem a mesma cultura que o país originário, estando sujeito à má interpretação dos itens por parte dos leitores e a implicações de fortes mudanças em sua estrutura fatorial (Laros, 2012). Essas implicações estruturais têm fortes impactos na qualidade dos resultados de manuscritos que porventura utilizem aqueles instrumentos sem um procedimento psicométrico anterior adequado. Por tanto, o presente artigo visa adaptar a Escala de Cultura de Honra de Lopez-Zafra (2007), considerando que é uma medida que vem demonstrando bons indicadores de consistência interna no território nacional e apresenta dimensões menos limitantes, admitindo o conceito de honra como um construto mais cultural.

Método

Participantes

Participaram 229 pessoas da população geral de 18 a 44 anos ($M = 24,8$ anos; $DP = 5,36$), sendo a maioria do sexo feminino (59,4%), solteira (80,8%), heterossexual (60,3%) e que cursavam ou haviam cursado curso superior (77,3%). Quanto à cor da pele, 50,2% declararam ser branco, 38,9% pardos e 10,5% negros.

Instrumentos

Os participantes responderam à Escala de Cultura de Honra – ECH (Lopez-Zafra, 2007) e a um questionário sociodemográfico contendo perguntas sobre idade, gênero, etnia e orientação sexual.

Uma preocupação dos estudos psicométricos é a variação de pontuações atribuídas em escalas do tipo *Likert*. Para Simms et al. (2019), o ideal é uma variação de seis a sete itens, indo de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Essa abrangência de níveis de

concordância seria suficiente para obter resultados psicometricamente significativos sem que haja uma atenuação entre as respostas. Dessa forma, optou-se pelo uso de uma escala de respostas com sete itens, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Procedimentos

O estudo seguiu as recomendações éticas descritas na Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável.

Inicialmente, dois pesquisadores bilíngues traduziram os itens, instruções e escala de resposta da ECH do espanhol para o português, procurando manter os significados que cada item expressava. Em seguida, um terceiro pesquisador, também bilíngue, realizou a tradução reversa do português para o espanhol. Ambas as versões em espanhol (a original e a proveniente da tradução reversa) foram confrontadas, não sendo verificado nenhum problema de tradução da escala. Assim, não houve necessidade de qualquer alteração na versão em português. Por fim, dois estudantes de pós-graduação realizaram a validação semântica da escala, procurando verificar se os itens e a escala de resposta eram compreensíveis. Esse procedimento também não demandou alterações importantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários online, disponíveis na plataforma *Survey Monkey*. Primeiramente, os participantes leram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegurava o anonimato e a confidencialidade de suas respostas, e confirmava que sua participação era voluntária e que poderiam deixar o estudo a qualquer momento sem nenhum ônus. Depois de concordar em participar da pesquisa, os participantes responderam individualmente ao questionário. O tempo médio de resposta foi de 20 minutos.

Análise dos Dados

Foram realizadas análises descritivas e análises de consistência interna usando o software SPSS em sua versão 21 (IBM, 2012). Também foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da Escala de Cultura de Honra (ECH; Lopez-Zafra, 2007). Para isso, foi utilizado o software *Factor Analysis* em sua versão de 2021 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021). A análise utilizou uma matriz de correlação policórica e o método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS; Asparouhov & Muthén, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido baseou-se na Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste: razão χ^2 , *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), os valores de χ^2 devem ser entre dois e três, admitindo-se até cinco. Os valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90 (preferencialmente maiores que 0,95).

A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H, que avalia em que medida um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Os valores de H variam de 0 a 1. Valores altos ($> 0,80$) sugerem uma variável latente bem definida, mais provável de ser estável em diferentes estudos. Valores baixos sugerem uma variável latente mal definida, provavelmente instável entre diferentes estudos (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Além disso, também se verificou o alfa de Cronbach de cada fator do instrumento.

Resultados

Os testes de esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (132) = 1003.0, p < .001$) e Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,70) sugeriram a interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. Estimou-se uma estrutura de três fatores, cujas variâncias explicadas foram de 23.46, 15.27 e 12.15, respectivamente. Quando contrastados esses valores aos três primeiros obtidos na Análise Paralela (12.12, 11.04 e 10.16), constatou-se a adequação trifatorial da escala, pois os valores próprios observados foram preponderantes em relação aos simulados.

As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 1. Também são reportados os índices de alfa de Cronbach, bem como estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais (H-index; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Tabela 1

Estrutura Fatorial da Escala de Cultura de Honra (ECH).

Itens	Fator	Fator	Fator
	I	II	III
1. Um homem de verdade deve defender sua parceira, mesmo que tenha que lutar por isso.	0.703	-0.093	-0.101
2. É importante que as mulheres sejam honradas e fiéis.	0.755	-0.148	0.030
3. Eu gostaria de ter um(a) parceiro(a) que tenha tido poucas relações sexuais antes de mim.	0.445	-0.327	0.216
6. Em meu grupo mais perto (familiares, amigos, cidade etc.), a honra recebe mais importância do que em outras regiões do Brasil.	0.496	0.191	-0.048
7. A sociedade atual incita a homens e mulheres a defenderem sua honra.	0.129	0.573	-0.070
8. No Brasil, a honra é mais importante do que em outros países.	0.192	0.552	-0.191
10. A importância social que se dá à honra é alta.	-0.142	0.732	0.101
11. Se alguém insultar a mim ou a minha família, terá que se ver comigo.	0.105	0.210	0.485

12. Frente a uma ofensa, é legítimo usar a força.	-0.044	-0.014	0.760
13. Uma ofensa a honra deveria ser fortemente punida pelo grupo.	0.098	0.103	0.569
14. É legítimo usar da violência para defender a família, a propriedade ou a si mesmo.	0.132	-0.241	0.581
15. Quando tiver filhos, direi que eles têm que se defender e lutar se alguém mexer com eles.	0.052	0.149	0.502
17. Um insulto é uma provocação para lutar.	-0.123	0.305	0.520
Quantidade de Itens	4	3	6
Alfa de Cronbach	.62	.65	.70
H-latent	.78	.75	.80
H-observed	.76	.74	.80

Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, variando de 0.44 (item 3) a 0.76 (item 12). Os itens 4 (“As pessoas que perdoam facilmente as infidelidades demonstram pouca autoestima”), 5 (“Para alguns delitos, como os sexuais, deveria ser aplicado a pena de morte”) e 9 (“O governo deve defender seus cidadãos de qualquer ofensa do exterior”) foram descartados, já que não atenderam ao critério de saturação de 0,40. Além disso, o item 16 (“Sinto meu ‘sangue ferver’ quando alguém me insulta”) também foi descartado, pois apresentou cargas fatoriais cruzadas, ou seja, saturou em dois fatores: o fator 2 (0,39) e o fator 3 (0,41). Por sua vez, o item 6 (“Em meu grupo mais perto (familiares, amigos, cidade etc.), a honra recebe mais importância do que em outras regiões do Brasil”), que originalmente fazia parte do fator 2, saturou no fator 1. Assim, a nova versão do instrumento passou a ser composta por 13 itens.

A consistência interna dos itens foi adequada (acima de 0,60; Laros, 2012), a medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) foi satisfatória para o fator 3 e marginalmente satisfatória nos fatores 1 e 2 ($H < 0,80$). Por fim, cabe destacar que a estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2 = 97,729$,

$g^2= 88$; $p=0,224$; $RMSEA= 0,062$; $CFI= 0,927$; $TLI= 0,888$).

De acordo com os dados observados, o fator 1, nomeado como “*Honra Individual (HI)*”, é representado pelos itens 1, 2, 3 e 6. Esse fator recebe essa denominação por se tratar do endosso da honra individual dos sujeitos, ou seja, a honra como um status social. O fator 2, denominado de “*Honra da Sociedade (HS)*”, foi composto por 3 itens, 7, 8 e 10. Essa dimensão compreende a ideia de que a honra é também coletiva, e que o governo e as organizações são responsáveis por sua manutenção. Por fim, o fator 3, intitulado de “*Legitimidade do uso da Violência pela Honra (LVH)*”, compreende 6 itens, 11, 12, 13, 14, 15 e 17. Esse fator representa o uso da violência em função da defesa da honra.

Discussão

Este estudo teve por finalidade adaptar a Escala de Cultura da Honra (Lopez-Zafra, 2007) ao contexto brasileiro. Esse instrumento já vinha sendo utilizado no Brasil (Canto et al., 2017), porém não se havia investigado em profundidade os indicadores de ajuste ao contexto brasileiro, relatando somente a consistência interna dos fatores originais do instrumento. Os resultados da análise fatorial exploratória mostraram índices satisfatórios para a adoção de um instrumento com três fatores. Entretanto, quatro itens foram excluídos.

O item 4 (“As pessoas que perdoam facilmente infidelidades demonstram pouca autoestima”) não apresentou uma saturação satisfatória. Estudos anteriores mostraram que as reações à infidelidade dependiam de variáveis diferentes no Brasil e na Europa. Em Portugal (Canto et al., 2012) e na Espanha (Canto et al., 2017), as variáveis que prediziam um maior estresse diante da infidelidade sexual eram o sexo (masculino) do participante e altas pontuações em cultura da honra. Por outro lado, no Brasil, além dessas variáveis, a identificação com papéis tradicionalmente masculinos se mostrou um importante preditor do estresse diante da infidelidade sexual. Ademais, o efeito do sexo do participante era maior no Brasil do que em Portugal e na Espanha (Canto et al., 2017). Dessa forma, entendendo que no

Brasil as reações à infidelidade têm uma maior relação com o sexo do participante que na Europa, é provável que o item apresentasse uma saturação satisfatória no Brasil em uma amostra composta apenas por homens, especialmente se forem homens com alta identificação com o papel tradicional masculino.

Outros itens que não apresentaram saturação satisfatória foram os itens 5 (“Para alguns delitos, como os sexuais, se deveria estabelecer pena de morte”) e 9 (“O governo deve defender seus cidadãos diante de ofensas vindas do exterior”). É possível que as atitudes sobre a pena de morte em países com menor frequência de crimes violentos sejam pensadas de forma mais abstrata e se relacionem mais diretamente com a cultura da honra do que no contexto brasileiro, onde poderiam estar mais relacionadas a fatores de base como traços de personalidade e nível de julgamento moral (Cavalcanti et al., 2019; Galvão & Camino, 2011).

Já em relação ao item 9, deve-se ter em conta que o Brasil é um país com histórico de poucos conflitos com outras nações (Cervo & Bueno, 2015). As pessoas podem não identificar exemplos claros de como se dariam ofensas ao país, bem como não se identificar tão fortemente com o Brasil – em comparação a outras nações, o nível de identificação com o país no Brasil é bastante baixo (World Values Survey, 2021). Outro aspecto a se levar em consideração é que a identificação nacional exacerbada – o nacionalismo – tem se relacionado cada vez mais com uma posição política de direita ou extrema-direita no contexto brasileiro (Guedes & Silva, 2019), o que pode levar pessoas que não se identificam com esse campo a uma crise de nacionalidade, reprimindo qualquer demonstração que possa ser interpretada neste sentido.

Nesse sentido, o item 16 (“Sinto ferver o sangue quando alguém me insulta”) apresentou cargas fatoriais cruzadas em dois fatores. É possível que a expressão “ferver o sangue” não tenha sido totalmente compreendida por parte dos participantes e precise ser revista para estudos futuros. Apesar de os itens terem passado por um processo de validação

semântica e terem se mostrado compreensíveis, muitas vezes variações regionais, geracionais ou de educação podem torná-los menos compreensíveis para parte da amostra (Damásio & Borsa, 2017), sendo uma limitação do presente estudo, que não buscou um controle rígido da amostra.

Além disso, o item 6 (“Em meu grupo mais perto - familiares, amigos, cidade etc. - a honra recebe mais importância do que em outras regiões do Brasil”), que na versão original era parte do fator 2 (Honra da Sociedade), apresentou cargas fatoriais mais fortes no fator 1 (Honra Individual). Isso pode ter ocorrido em virtude do uso do termo *meu grupo*, que dá a entender que o item diz respeito à percepção individual do sujeito acerca do que ele considera ser seu grupo mais próximo (amigos e familiares), deixando o caráter coletivista.

Alguns índices chamam a atenção, mesmo que satisfatórios, podendo apontar para uma mudança estrutural do instrumento. O índice H, nos fatores 1 e 2, indica futuras inconsistências na dimensão trifatorial; esses achados podem indicar que em futuros estudos esses fatores não sejam verificados, o que implica a necessidade de verificação da consistência interna dos mesmos em outras pesquisas. Entretanto, o índice H é um estimador muito recente (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), com poucos estudos que evidenciem esse coeficiente como excludente, ou seja, os resultados não são suficientes para descartar a tridimensionalidade do instrumento aqui adaptado.

Apesar dessas evidências, o presente estudo traz como avanço a adaptação transcultural desse instrumento, demonstrando sua validade fatorial e sua consistência interna, além de apresentar um novo instrumento adaptado ao Brasil sobre o construto da cultura de honra, podendo contribuir, assim, com pesquisas sobre o fenômeno da honra no Brasil e suas interfaces com outros construtos (e.g., violência, posicionamento político, orientação à dominância social). Sabe-se que dimensões que compõem a cultura de honra já estão em pautas no território nacional, a despeito do sexismo (Alves, 2022) e do autoritarismo

de direita (Michels, 2017), porém de forma fragmentada e, por vezes, apresentando uma lacuna social na interpretabilidade destes fatores. Com a adaptação desse instrumento, será possível o estudo dos devidos constructos por uma ótica mais integrativa e contextualizada, possibilitando novas interpretações para fenômenos sociais, como a violência de gênero.

Este estudo apresenta algumas limitações. A princípio, corrobora exclusivamente para a adaptação transcultural e a averiguação da consistência interna do instrumento no contexto brasileiro, porém não traz informações sobre sua validade convergente, concorrente ou discriminante. Em outros contextos, como o espanhol, altas pontuações na Escala de Cultura da Honra estiveram associadas com sexismo hostil e benevolente, autoritarismo e religiosidade. Há estudos no contexto brasileiro usando o mesmo instrumento que demonstram associações da cultura da honra com adesão a papéis de gênero tradicionalmente masculinos (Canto et al., 2017), o que poderia ser interpretados como evidência de validade convergente. Entretanto, faz-se necessário testar a nova dimensão do instrumento em estudos futuros, visto que, com a adaptação, o instrumento sofreu alterações nos itens e nas dimensões fatoriais. Desse modo, sugerimos que estudos futuros se atentem para a verificação destas validades (convergente e discriminante), a fim de reforçar a adequação do instrumento ao contexto brasileiro.

Referências

- Alves, K. K. S. (2022). *A tese da legítima defesa da honra e a naturalização da violência contra a mulher*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal da Paraíba.
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Weighted least squares estimation with missing data* [Technical Appendices]. Mplus.
<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.310.692&rep=rep1&type=pdf>
- BBC News Brasil. (2020). *Assassinato de menina de 14 anos pelo próprio pai em “crime de honra” choca Irã*. Recuperado em 22 de dezembro de 2021, de: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52847568>
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. The Guilford Press.
- Canto, J. M., Alvaro, J. L., Pereira, M. E., Torres, A. R., & Pereira, C. R. (2012). Jealousy and infidelity: The role of gender identity and culture of honour. *Estudios de Psicología*, 33(3), 337–346. <https://doi.org/10.1174/021093912803758129>
- Canto, J. M., Alvaro, J. L., Pereira, C., Garrido, A., Torres, A. R., & Pereira, M. E. (2017). Jealousy, gender, and culture of honor: A study in Portugal and Brazil. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 151(6), 580–596. <https://doi.org/10.1080/00223980.2017.1372344>
- Cavalcanti, J., Pimentel, C. E., Nascimento, T., & Moura, G. (2019). Cinco grandes fatores de personalidade como preditores das atitudes frente à pena de morte. *Revista Ciência & Política*, 5(2), 104–120. <https://revista.iscp.edu.br/index.php/rcp/article/view/121>
- Cervo, A. L., & Bueno, C. (2015). *História da política exterior do Brasil*. Editora UnB. <https://doi.org/10.2307/2518009>
- Damásio, B. F., & Borsa, J. (2017). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. Vetor.

Decreto de Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940. (1940). *Capítulo V, dos crimes contra a honra*. Recuperado em 11 de fevereiro de 2022, de:

<https://www.cosif.com.br/publica.asp?arquivo=declei2848-1940p2t01c5>

Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78, 762-780.

<https://doi.org/10.1177/0013164417719308>

Fischer, A. H., Manstead, A. S. R., & Rodriguez-Mosquera, P. M. (1999). The role of honour-related vs. individualistic values in conceptualising pride, shame, and anger: Spanish and Dutch cultural prototypes. *Cognition and Emotion*, 13(2), 149-179.

<https://doi.org/10.1080/026999399379311>

Fiske, A., & Rai, T. S. (2014). *Virtuous violence*. Cambridge University Press.

Galvão, L. K., & Camino, C. (2011). Julgamento moral sobre pena de morte e redução da maioria penal. *Psicologia e Sociedade*, 23(2), 228-236.

<https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200003>

Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Araújo, R. de C. R., Galvão, L. K. S., & da Silva, S. S. (2013). Preocupação com a honra no Nordeste brasileiro: Correlatos demográficos. *Psicologia & Sociedade*, 25, 581-591.

<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300012>

Guedes, S., & Silva, E. M. (2019). O segundo sequestro do verde e amarelo: Futebol, política e símbolos nacionais. *Cuadernos de Aletheia*, 3, 73-89.

https://memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf

IBM Corp. (2012). *IBM SPSS Statistics for windows (Version 21.0)*. [Software de Computador]. IBM Corp.

Laros, J. A. (2012). *O uso da análise fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores*. In L. Pasquali (Ed.), *Análise fatorial para pesquisadores* (p. 141-160). LabPAM Saber e

Tecnologia.

Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: A method for diagonally weighted factor rotation. Technical report, URV. Tarragona.

Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2021). Not Positive Definite Correlation Matrices in Exploratory Item Factor Analysis: Causes, Consequences and a Proposed Solution. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 28(1), 138–147. <https://doi.org/10.1080/10705511.2020.1735393>

Lopez-Zafra, E. (2007) Creating a scale to measure Culture of Honor. *International Journal of Social Psychology*, 22(1), 31-42. <https://doi.org/10.1174/021347407779697520>

Mesquita, A. (2014). Honra e vergonha em Aristóteles. *Ensaaios Filosóficos*, 10, 8-25. http://www.ensaaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/MESQUITA_A_P_Honra_e_vergonha_em_Aristoteles.pdf

Michels, R. S. (2017). *O discurso conservador brasileiro nas novas mídias digitais e a honra da família: uma leitura à luz de Wilhelm Reich*. Trabalho apresentado no VI Jornada de Pesquisa em Psicologia - PSI UNISC: Pesquisa e Tecnologia na Psicologia. https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17613

Pérez, J. A., & Molpeceres, M. A. (2018). The new moral power of minorities. *International Review of Social Psychology*, 31(1), 1–10. <https://doi.org/10.5334/irsp.18>

Rodriguez-Mosquera, P., Manstead, A., & Fischer, A. (2002). The role of honour concerns in emotional reactions to offences. *Cognition and Emotion*, 16, 143-163. <https://doi.org/10.1080/02699930143000167>

Rodriguez-Mosquera, P. M., Fischer, A. H., Manstead, A. S. R., & Zaalberg, R. (2008). Attack, disapproval, or withdrawal? The role of honour in anger and shame responses to being insulted. *Cognition and Emotion*, 22(8), 1471–1498. <https://doi.org/10.1080/02699930701822272>

- Saucier, D. A., Stanford, A. J., Miller, S. S., Martens, A. L., Miller, S. S., Jones, T. L., McManus, J. L., & Burns, M. D. (2016). Masculine honor beliefs: Measurement and correlates. *Personality and Individual Differences*, *94*, 7-15. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.12.049>
- Silveira, A. C. (2021). A vida da mulher pelo direito penal: Da “legítima defesa da honra” à previsão legal do feminicídio. *Revista Da Defensoria Pública RS*, *1*(28), 239–261. <https://revistadpers.emnuvens.com.br/defensoria/article/view/366/301>
- Simms, L. J., Zelazny, K., Williams, T. F., & Bernstein, L. (2019). Does the number of response options matter? Psychometric perspectives using personality questionnaire data. *Psychological Assessment*, *31*(4), 557-566. <http://dx.doi.org/10.1037/pas0000648>
- Supremo Tribunal Federal. (2021). *ADPF 779 MC-REF / DF, 2021*. Recuperado em 02 de fevereiro de 2022, de: <https://stf.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/1211707732/referendo-na-medida-cautelar-na-arguicao-de-descumprimento-de-preceito-fundamental-adpf-779-df-0112261-1820201000000/inteiro-teor-1211707763>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, *16*, 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism & collectivism*. Westview Press.
- Vandello, J. A., & Cohen, D. (2003). Male honor and female fidelity: Implicit cultural scripts that perpetuate domestic violence. *Journal of Personality and Social Psychology*, *84*(5), 997-1010. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.5.997>
- Vandello, J. A., & Cohen, D. (2008). Culture, gender, and men’s intimate partner violence. *Social and Personality Psychology Compass*, *2*(2), 652–667.

<https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00080.x>

World Values Survey. (2021). *World Values Survey: Online analysis*. Recuperado em 15 de dezembro de 2021, de: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSONline.jsp>